



CARTA ABERTA À POPULAÇÃO

MANIFESTAÇÕES DE ÓDIO RACIAL E VIOLÊNCIA DE CLASSES NO AMBIENTE EDUCACIONAL - PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO A PARTIR DE UMA EDUCAÇÃO QUE EMANCIPA E LIBERTA

***O que me preocupa não é nem o grito dos corruptos, dos violentos,
dos desonestos, dos sem caráter, dos sem ética...
O que me preocupa é o silêncio dos bons.
Martin Luther King***

Episódios de manifestação de preconceito e ódio racial têm ganhado cada vez mais frequência no ambiente educacional. Afloram, nos espaços de ensino, preconceitos múltiplos, com os mais diversos matizes: étnico-raciais, de gênero, religiosos, culturais, sexistas, político-partidários, sociais, xenófobos etc. Tais manifestações revelam o escopo de uma sociedade profundamente iníqua que pode caminhar, se não enfrentarmos coletiva e criticamente o problema, para o abismo civilizacional, para a barbárie.

Em um contexto de recrudescimento antidemocrático e aviltante perda de direitos, as contradições sociais tendem a ficar mais acirradas e grupos influenciados por perspectivas fascistas, que se colocavam veladamente nos porões dos clubes privados com seus pares, sentem-se mais livres para expressar suas perspectivas de ódio, exclusão e violência. O ataque racista não deixa de ser também sinal de desespero, em uma sociedade marcada pelo princípio da competição e da ideologia da meritocracia. Os violentos buscam, por todos os meios, defender espaços e privilégios, suplantando qualquer noção de democracia, direito e dignidade humana.

O racismo compõe-se como um brutal sistema de opressão estruturante do capitalismo, descortinando-se como uma dimensão intrínseca da sociedade brasileira. Historicamente a discriminação racial afeta o sujeito negro em todas as representações sociais e, como consequência, adentra o espaço educativo. Quando eclode dentro do ambiente educacional, por meio de atitudes e frases carregadas de preconceito, o ódio racista não é dirigido somente a um determinado agente, um educador em específico ou mesmo a um segmento de alunos, mas a toda comunidade educativa. De fato, manifestações de preconceito ferem a sociedade em seu conjunto.

A postura preconceituosa e racista apenas traz à luz uma percepção de vida que normalmente ficava escondida, camuflada, na esfera do submundo privado. O fato de tal compreensão de mundo vir à tona desvela-se como uma possibilidade de intervenção, no sentido de enfrentar o problema e resgatar os sujeitos que se encontram perdidos em suas percepções limitadas,

cheias de ódio e preconceito. Assim, a instituição educativa deve trabalhar para avançar na linha de uma justiça restaurativa. A identificação dos agressores, dos agentes imediatos do ódio étnico-racial, é fundamental, não apenas na direção de criminalizá-los, na medida em que o preconceito é crime previsto em lei (Estatuto da Igualdade Racial, Lei 12.218/2010), mas na dinâmica de articular, por meio de uma ação educativa dialógica e emancipadora, um profundo processo de recuperação e resgate da dignidade humana perdida.

Vislumbrando enfrentar e superar as agressões que alunos cometem contra alunos ou mesmo contra a comunidade educativa, torna-se urgente compreender as raízes mais profundas do preconceito. Há que se derrubar os muros da escola. Há que se pensar em um modelo de sociedade que redimensione completamente sua estrutura material e cultural. Há que se pensar, na escola e fora dela, as possibilidades de distribuição da riqueza socialmente produzida. Há que ser ousado, na teoria e na prática. É preciso que a escola perceba-se como uma das instituições reprodutoras do capital, para que ela possa, então, compreender-se como *locus* no qual o pensamento transgrida livremente as fronteiras do cenário que hoje está estabelecido: as inovações tecnológicas a serviço do capital, o fim das políticas públicas, a hegemonia do neoliberalismo sob direção do capital financeiro, o sistema punitivo como ideologia central que transforma a todos em acusadores e linchadores. É preciso que a instituição escolar, na contramão daquilo que setores ultraconservadores têm pautado, seja o espaço para pensar livremente novas perspectivas de vida social, novos modelos de organização da economia e da vida. Quando a escola se percebe como microcosmo e reflexo do que acontece na sociedade, pode agir no sentido de avançar – para além das suas paredes – e compreender a vida como totalidade, denunciar as raízes históricas do crime racial, propor formas de superar um certo modo de vida que se vale grotescamente da herança colonial.

O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Instituto Federal de São Paulo (NEABI-IFSP) tem desenvolvido reflexões e ações de enfrentamento ao preconceito, trabalhando para promover o reconhecimento da dignidade de cada povo, de cada manifestação cultural. A superação do racismo no espaço educativo passa pela formação de todas e todos que nele atuam, pela inclusão da contribuição dos africanos, afro-brasileiros e indígenas no currículo escolar, pela promoção de um ambiente em que a diversidade seja valorizada, pelas políticas de acesso e de permanência dos alunos negros e indígenas, pela discussão e reflexão contínua acerca das relações étnico-raciais. Para tanto, é fundamental a construção de um distinto modelo de sociedade, pautado nos princípios de justiça social e de equidade. Sem outras balizas econômicas, sedimentadas no enfrentamento das contradições de classes, o preconceito não será definitivamente suplantado, legando-nos a perpetuar o horizonte vazio da representação ideológica de democracia racial.

O NEABI-IFSP coloca-se, portanto, contra quaisquer manifestações racistas e preconceituosas, e reafirma seu compromisso com a liberdade, a diversidade e a multiplicidade de cada um de nós. Não nos calaremos diante de manifestações de ódio racial ou violência de classes.

NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS DO IFSP

neabi@ifsp.edu.br

<http://www.ifsp.edu.br/index.php/instituicao/nucleos/neabi.html>